

# UTILIZAÇÃO DE RECURSOS CULTURAIS PARA O PLANEJAMENTO DE UM TURISMO SUSTENTÁVEL: UMA ANÁLISE REGIONAL

USE OF CULTURAL RESOURCES FOR PLANNING SUSTAINABLE TOURISM:  
A REGIONAL ANALYSIS

LA UTILIZACIÓN DE RECURSOS CULTURALES PARA LA PLANIFICACIÓN DE UN TURISMO  
SOSTENIBLE: UN ANÁLISIS REGIONAL

**Pedro de Alcântara Bittencourt César**

pabcesar@ucs.br

Professor Titular do Centro de Artes de Arquitetura e do  
Programa de Pós-Graduação em Turismo (Mestrado)

da Universidade de Caxias do Sul

Doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo – DG/FFLCH/USP

**Beatriz Veroneze Stigliano**

biatur@usp.br

Professora Adjunta da Universidade Federal de São Carlos

Doutora em Ciência Ambiental pela Universidade de São Paulo – PROCAM/USP

**Correspondência**

Universidade de Caxias do Sul – Bloco 46, Sala 311F – Mestrado em Turismo

Rua Francisco Getulio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis

Caxias do Sul - RS

Data de Submissão: 12/11/2009

Data de Aprovação: 27/01/2011

## RESUMO

Abordam-se os atrativos culturais do Vale do Paraíba sob o enfoque do planejamento de um turismo sustentável. Dá-se ênfase, principalmente, às reproduções do período Imperial. A pesquisa apresenta, como conflito inicial, que a informação gerada para o visitante tem desvalorizado o estatuto de identidade do lugar. Verificam-se as relações do patrimônio histórico-arquitetônico na formação da oferta de uma atividade turística que valorize a identidade local. Dessa forma, realiza-se e contextualiza-se um amplo inventário dos recursos e do legado do período do ciclo cafeeiro encontrados na área definida. Elabora-se uma proposta de qualificação dos valores identitários quanto aos recortes histórico-culturais estudados. Busca-se, assim, subsidiar a compreensão do profissional do turismo e, conseqüentemente, do visitante e do próprio morador.

**PALAVRAS-CHAVE:** Recurso cultural, Planejamento turístico, Inventário regional, Turismo cultural.

## ABSTRACT

This article addresses the cultural attractions of the Paraíba Valley, mainly the reproductions of the Imperial period, focusing on planning for sustainable tourism. This research argues that the information generated for visitors has devalued the identity status of the place. It studies the associations of historical-

architectural heritage in the provision of a tourist activity that will enhance local identity. Thus, takes place a comprehensive inventory of resources and the legacy of the coffee cycle found in the defined area. As a result, a proposal is presented so as to synthesize a classification of identity values related to the historical and cultural approach of this study. This material aims at offering a broader understanding to the tourism professional, the visitor and the dweller as well.

**KEY-WORDS:** Cultural resource, Tourism planning, Regional inventory, Cultural Tourism.

## RESUMEN

Se abordan los atractivos culturales del Valle del Paraíba desde el punto de vista de la planificación de un turismo sostenible. Se da destaque, principalmente, a las reproducciones del período Imperial. La investigación presenta, como conflicto inicial, que la información generada para el visitante ha desvalorizado el estatuto de identidad del lugar. Se verifican las relaciones del patrimonio histórico-arquitectónico en la formación de la oferta de una actividad turística que valore la identidad local. De esa forma, se realiza y se contextualiza un amplio inventario de los recursos y del legado del período del Ciclo del Café encontrados en el área definida. Se elabora una propuesta de cualificación de los valores identitarios en relación a los recortes histórico-culturales estudiados. Se busca, de esta manera, contribuir con la comprensión del profesional del turismo y, consecuentemente, del visitante y del propio residente.

**PALABRAS CLAVE:** Recurso cultural, Planificación turística, Inventario regional, Turismo cultural.

## 1. INTRODUÇÃO

O conhecimento do recurso é referência para um desenvolvimento sustentável. Nesta pesquisa, analisa-se a formação do patrimônio histórico-arquitetônico da região compreendida entre as metrópoles paulistana e carioca. Investiga-se o patrimônio como possibilidade e fator de visitação cultural.

O recurso cultural, quando focado como referência de análise, deve ser contextualizado no processo civilizatório. Adotam-se, para tal, conceitos da antropologia na definição do povo brasileiro (RIBEIRO, 1995).

Recorte espacial da pesquisa, o Vale do Paraíba é abordado por seus recursos como atrativo turístico. Reflete-se sob uma perspectiva dialética. Nela, tem-se como ponto inicial a região como formadora histórica e espacial do atrativo. Reporta-se ao patrimônio dessa área nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Estudam-se seus estatutos culturais e naturais, principalmente os recursos estabelecidos, ou possibilitados, no fausto período do café. O local, rico e denso em história e cultura, define-se como um dos maiores receptores de turistas do país.

Ao analisar os recursos sem trabalhar seus valores subjetivos, fada-se a cometer erros comumente realizados no passado. Outra questão importante é que, no turismo, muitas vezes, estuda-se o objeto sem uma construção com os sujeitos envolvidos. Busca-se distanciar-se desta lógica positivista. Adota-se o objeto de estudo como parte de uma complexidade social.

## 2. QUESTÃO DE MÉTODO

O reconhecimento do patrimônio é condição *sine qua non* para o desenvolvimento e planejamento de um turismo sustentável (VAQUEIRO, 2002; WWF, 2003). Desta forma, devem ser agregados o envolvimento, a valorização e o uso responsável dos recursos relacionados com a atividade turística.

Distante de esgotá-las, parte-se destas como questões norteadoras. A pesquisa tem como referência heurística a comunicação apresentada ao visitante. Arroja-se, entretanto, ao trabalhar com um estatuto prático-conceitual reconhecido, elaborado pelos atores sociais envolvidos com a atividade. Estudam-se as maneiras que se envolve o patrimônio no processo de visitação turística. Inicia-se pesquisando como o patrimônio do Vale do Paraíba está sendo apresentado, ou referenciado, no processo de visitação.

Esta direção metodológica, entretanto, torna-se insustentável quando se observa como a atividade turística trata seus recursos patrimoniais. Observa-se uma desqualificação do patrimônio local pelo turismo. Tal situação fez levantar duas indagações: Quem deve corrigir tais lacunas? Qual o papel do processo turístico, que está colaborando para desvalorizar todo um estatuto cultural? Espera-se dos atores do turismo atitudes contrárias a esta. Resta a esta pesquisa ressaltar novos aspectos e reproduzi-los, além de retratar o rumo alterado.

Busca-se questionar a realidade encontrada e apresentar subsídios para uma mudança baseada nos valores éticos dos pressupostos que conferem à atividade uma conduta social satisfatória. Pensa-se, fundamentalmente, no respeito à memória e à identidade local.

Acredita-se que o panorama encontrado justifica-se, em grande medida, pela afirmação de que quando uma nova teoria ou ideia “entra em cena, geralmente se apresenta algo desarticulada, contém contradição, não é clara a relação que se coloca com os fatos, e são abundantes as ambigüidades” (FEYERABEND, 1977, p.288). Redireciona-se a pesquisa para novos objetivos. Espera-se iniciar uma formulação dos valores que podem ser utilizados pelos atores.

Para esta pesquisa, analisaram-se diversos materiais oferecidos ao visitante. Foram levantadas, principalmente, revistas, folhetaria e páginas da internet. Busca-se, então, realizar um estudo iconográfico da paisagem arquitetural da região. Espera-se, desta forma, reformular e redefinir o inventário turístico, procurando atender ao objetivo de apresentar um estatuto de valorização patrimonial. Espera-se romper com um círculo vicioso de negligenciar o patrimônio existente.

Estudam-se as representações simbólicas do patrimônio vale-paraibano. Tem-se o intuito de reforçar indagações de novos valores que devem contribuir para a atuação do profissional de turismo. Somente a divulgação e o desdobramento de tais estudos redimensionarão tais questões.

Acredita-se, igualmente, na possibilidade de ter o turismo como um importante fator do desenvolvimento regional (GIL; OLIVA; SILVA, 2009, p. 95). Na pesquisa, define-se a região por recortes espaciais. Justificam-se, também, outros recortes, como dos valores estruturais estudados, por conta de limitações inerentes do estudo, mesmo considerando a exaustão com que foi elaborado. Analisam-se as edificações de fazendas e cidades fluminenses definidas como de interesse histórico pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural – INEPAC, do Rio de Janeiro (INEPAC, 2008a; INEPAC, 2008b e INEPAC, 2008c). Abrangem-se todas as fazendas do município de Bananal (Fig. 1), e outras da região da Bocaina, elencadas pelos órgãos de turismo e patrimônio, além dos bens tombados, do período analisado, pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico - CONDEPHAAT (1998), situados na área.



Figura 1: Fazenda de Bananal  
Fonte: Próprio autor

Observam-se que as fontes secundárias são díspares. O limite de estado define metodologias institucionais adotadas pelos órgãos mencionados. Torna-se difícil compreender a região por uma abordagem que não seja federativa. Analisa-se o material disponível e realiza-se uma pesquisa de campo em Bananal (e seu antigo distrito de Arapeí). Justifica-se esta localidade por ser comumente retratada como uma das mais importantes do ciclo estudado (CABANAS; RICCI, 2008, p. 387), e por se situar exatamente na divisa dos estados. Desenvolve-se, então, a hipótese nesta localidade.

Adota-se, inicialmente, uma visão weberiana de modelos ideais. Não se espera, entretanto, corresponder exatamente a uma categoria ideal, mas tê-la sujeita à evolução (CUCHE, 2002, p.215). Adota-se, como tipo, a produção arquitetônica e artística definida pela Academia francesa, ou seja, a Escola de Belas Artes. Estudam-se, assim, as variações, na realidade estudada. Adota-se, assim, uma pesquisa dialética das transformações espaciais do patrimônio arquitetônico (CÉSAR, 2007), e, principalmente, suas mudanças estilísticas.

### 3. O OBJETO CULTURAL

A presença dos elementos culturais tem sido definida desde a formação dos primeiros aldeamentos das capitâneas hereditárias paulistas, ou seja, de São Vicente e Santo Amaro. Colaboram, para tal, sua definição por necessidades fundiárias e, também, o interesse de catequese da Igreja Católica. Entretanto, o maior ímpeto se associava à descoberta de pedras e minérios preciosos. A descoberta das Minas Gerais "rasga" o território, do lado paulista do rio Paraíba do Sul, reforçando o surgimento de povoados e definindo caminhos, rotas e novas condições urbanas e arquitetônicas. Mais tarde, o escoamento de minério consagra o Rio de Janeiro como território português. Une-se este com as Minas Gerais (Fig.2). Tem-se, aqui, mais uma definição de suas áreas limítrofes e aspectos da formação histórica.



Figura 2: Definição da área de estudo  
Fonte: Elaborada por Pedro de A. B. César, 2009

Entretanto, séculos depois, o café liga a região entre Rio de Janeiro e São Paulo por um processo único. Área esta denominada de Vale do Paraíba, durante todo o período Imperial, é berço de um extenso e rico processo sócio-cultural. Nele, formas arquitetônicas (Fig. 3), definições urbanas, usos e costumes desenvolvem suas peculiaridades. A produção, com uma apropriação em marcha, nessa área, faz-se pela mesma lógica (Fig.4). Nesse ritmo, remodelam-se as características culturais, sociais e ambientais.

#### 4. UMA DIFÍCIL COMPREENSÃO

Diversas abordagens definem a atividade turística. Todas elas relacionam três elementos: oferta, demanda e deslocamento. Nesta pesquisa, estuda-se o primeiro. Nele, encontra-se o que poderia ser chamado da matéria-prima do turismo.

Constituem a oferta turística todas as formas para propiciar a estada do visitante. Nela, são oferecidas, para o sujeito, as condições básicas e outras opções de consumo, mas, principalmente, um motivo para o seu deslocamento. O atrativo é, de fato, o recurso essencial para a atividade. Objeto envolto de expectativas, necessidades, valores, que propicia a visitação. Cada um está agregado de motivação para a visitação, chamada, comumente, de hierarquia, e pobremente escalonada em quatro níveis, conforme definido pela Organização dos Estados Americanos – OEA (apud HERNÁNDEZ DIAZ, 1996). São referências de fatores sócio-culturais, por exemplo, e que propiciam o fenômeno turístico.



Figura 3: Construção na Cidade de Bananal  
Fonte: Próprio Autor

Destes, estudam-se aqueles que têm uma relação memorial com o lugar, o patrimônio (CHOAY, 2000). A necessidade de rigor metodológico, em uma extensa área, força trabalhar o conceito por uma abordagem *stricto sensu*. Adota-se uma perspectiva superestrutural baseada em valores institucionais, embora se acredite que os valores memoriais definam melhor a complexidade social<sup>1</sup>.



Figura 4: A Mata Atlântica como entorno cafeeiro  
 Fonte: Elaborada por Pedro de A. B. César (2009); Baseada em estudos de Dean (1996)

O turismo, hoje, possui abordagens particulares de análise. Há referências específicas, embora não se tenha uma epistemologia consolidada (FIGUEIREDO SANTOS, 2002). Existe, porém, uma ontologia própria passível de definição. Nela, o turismo compreende uma dimensão que supera sua relação técnica ou científica. O atrativo, por tal abordagem, resulta de uma relação própria, que supera, em muito, valores meramente promocionais. Este se reforça de qualidades representacionais, entre outras, que impulsionam o processo. Espera-se, assim, redefinir as abordagens do recurso turístico.

Os recursos culturais são tradutores de uma forte identidade construída ao longo da (sua) história (HENRIQUES, 2003, p.13). Desempenham funções na formação da imagem e da identidade da localidade. A demanda, crescente, busca, em relação a eles, produtos diferenciados.

O turismo tem uma tradição de pesquisa embasada na teoria dos sistemas. Embora não tão usada em outras áreas do conhecimento, principalmente das ciências humanas e sociais, essas teorias, no turismo, reforçam características teóricas, práticas, multidisciplinares, econômicas. Nesta pesquisa, adota-se uma construção histórico-dialética. Tem-se, por meio deste método, a construção do pensamento epistemológico do planejamento turístico. A introdução do pensamento crítico é uma construção conceitual que vem sendo realizada, principalmente, por autores de língua inglesa (GETZ, 1982). Seus estudos possibilitam tais confrontos metodológicos.

Pensa-se na construção de uma base teórico-metodológica híbrida e contemporânea como necessária. Inicialmente, vê-se que resulta da aquisição de conhecimento de área afim. Incorporam-se valores das ciências ambientais e da sociologia, nesta abordagem dialética. Finalmente, e tão necessária, sua construção tem base em uma relação empírico-prática, ou seja, embasando teorias em *práxis*. Tais questões fundamentam os questionamentos atuais do turismo. Adota-se uma relação humanista (MURPHY, 1983; INSKEEP, 1984; ROMERIL, 1985; PIAGRAM; WAHAB, 1997)

O interesse do turismo tem sido trabalhado por uma dicotomia, entre academia e mercado. Este exige apresentações fragmentadas, reportando, muitas vezes, somente a algumas maravilhas

(SANTOS, 2004, p.34), o que se contrapõe com a academia. Esta, frequentemente, departamentaliza a discussão, distanciando-se da problemática da visitação em si.

Busca-se romper com tais paradoxos. Desta forma, acredita-se que, na qualificação do recurso turístico, encontra-se o fundamento para compreender a atividade de visitação. Parece simples, entretanto, muitas questões envolvidas não são variáveis específicas das suas relações estruturais, mesmo sendo estruturantes, como a expansão urbana desordenada.

Colabora com tal situação o fato de se viver em um país que pouco valoriza o detalhamento técnico e acadêmico. Na abordagem cotidiana (SANTOS, 2002), tal questão é deixada de lado, dando mais ênfase a apelos midiáticos, ou suas reproduções. Somente tais aspectos já exigem um enorme esforço de superação nos desdobramentos de um planejamento, oferecendo oportunidades para o reconhecimento do ambiente. A visitação deve oferecer o enriquecimento do conhecimento, principalmente na nossa sociedade, em que os índices de alfabetização são baixos (BRASIL, 2001). Não se espera a preparação de "aulas maçantes". Pensa-se, sim, em elaborar informação precisa, lúdica, agradável a respeito do patrimônio natural, cultural e social envolvido (VIÑUESA, 2002).

Entretanto, durante a realização desta pesquisa foi observada uma realidade mais complexa. Não envolve o como preparar tais informações, embora um longo caminho tenha que ser percorrido, ainda, no turismo nacional em tal direção. Abrange sim, desfazer-se de informações erroneamente transmitidas. Muitos profissionais, no turismo, têm produzido e propagado informação que desvaloriza e afeta todo o processo turístico.

A região estudada tem como diferencial a reprodução de novas formas do Clássico no Brasil e a diversidade de fatos históricos ligados à cafeicultura. Esta área, quase sem exceção, tem sido retratada como do período Colonial. Assim sendo, pula-se período, desvalorizam-se contextos, cria-se uma confusão.

Importante refletir didaticamente. O Colonial reproduz, principalmente, o Jesuítico, o Bandeirismo, o Barroco, o Rococó e, tardiamente, o Pombalino. O Imperial associa-se à reprodução do Clássico. Este tem, como principal referência, a Corte carioca, que irradia usos, costumes, formas, numa tríade entre o Clássico, o Imperial e o cafeeiro. Na região fluminense, e, por influência, a sul mineira e a vale-paraibana paulista, suas formas se reproduzem em uma constante dialética. Nelas, agregam-se condições, restrições, oportunidades com relação ao local e à ordem hegemônica formada. Todos estes são valores do recurso cultural e, por que não, do ambiental e social que precisam ser estudados para constituir um estatuto próprio para o lugar e sua formação no processo Imperial. Entretanto, toda esta riqueza é reproduzida em duas palavras: estilo Colonial.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Patrimônio Arquitetônico carece de uma melhor compreensão. Seu posicionamento sociocultural exige a superação de desafios para seu entendimento. Há necessidade de materiais que propiciem a comunicação de suas condições específicas, entre atores e visitantes. Ao se deparar com essas questões, nota-se a necessidade de ampliar tais estudos. A Arquitetura (ARGAN, 2005; ZEVI, 1992), a História (CHOAY, 2000) a Sociologia (BOURDIEU, 2003; LASH; URRY, 1998), o Urbanismo (LYNCH, 1997), as Ciências Ambientais (OGUM, 1971), a Geografia (TUAN, 1983; FRÉMONT, 1980; ANDRÉ, 1998) têm contribuído.

O bem edificado apresenta-se como resultante das condições socioculturais. Nelas apresentam-se valores definidos como representações arquitetônicas, bem como de referência urbana. Esses podem ser definidos como possibilidades no seu envolvimento entre a sociedade local e os visitantes. Essas perspectivas estabelecem condições que podem relacioná-los a valores memoriais. Assim, as relações como identidade e memória poderão sustentar um turismo comprometido com valores culturais, possibilitando o entendimento de novas condições de abordagem. Os destaques das especificidades arquitetônicas podem proporcionar novos entendimentos. A região estudada tem como valor memorial o reconhecimento de um neoclássico fundado na produção cafeeira do período imperial, Apresenta-se assim, uma proposta para este reconhecimento (Fig.5).



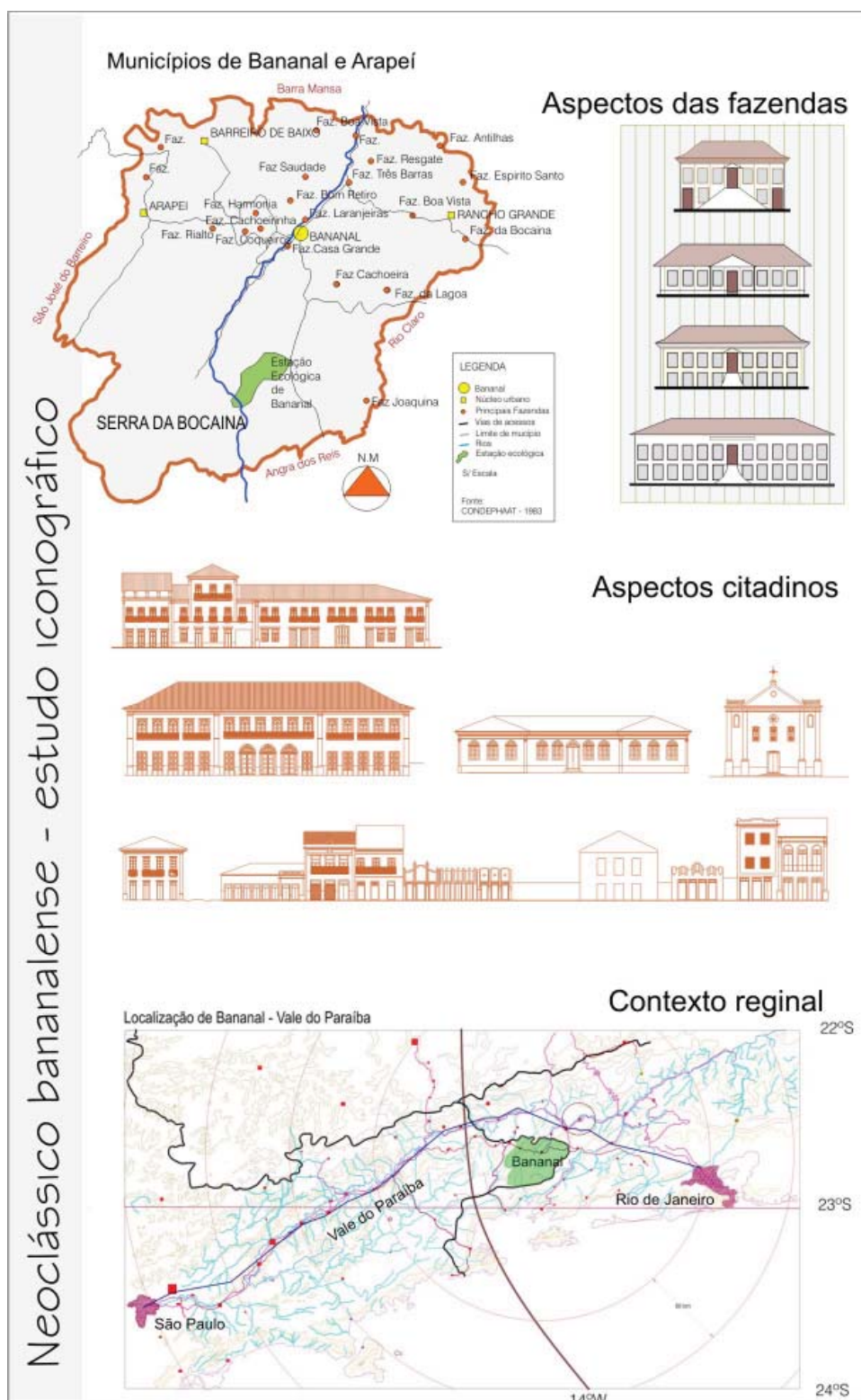


Figura 5: Proposta síntese  
 Fonte: Elaborada por Pedro de A. B. César, 2009

Não obstante, o turismo, como área científica e tecnológica, precisa, a largos passos, acompanhá-los. Sua abordagem torna-se necessária como mediadora de informação e conhecimento para o leigo, e, principalmente, para o profissional da área. Todas estas questões apresentadas são valores para o estatuto do planejamento (GETZ, 1982), da comunicação (PELLEGRINI FILHO, 1997), da interpretação patrimonial (MORALES, 1998; TILDEN, 1967).

A exaustão da pesquisa, especificamente, de Bananal, faz definir uma tese: a presença de uma arquitetura neoclássica bananalense. Tal resultado, entretanto, torna-se uma hipótese para uma abrangência maior de toda a região. Acredita-se que esta é uma matriz de um estilo próprio da produção cafeeira, entre outros processos, e suas formas resultantes dos processos econômicos e sociais do país.

O visitante, no Brasil, precisa ser instruído acerca das bandeiras e compoteiras, das matas de altitude e samambaias, de folias e catiras. Não basta conhecermos as gárgulas de Paris e as caixas-d'água nova-iorquinas, por exemplo. Devem-se apresentar informações, inclusive, necessárias para contribuir com um reforço de reconhecimento e valorização da identidade patrimonial dos moradores, condição elementar para se falar em "turismo sustentável".

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Y. **Enseigner les représentations spatiales**. Paris: Anthropos, 1998.
- ARGAN, G. C. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- BRASIL, Governo Federal do. **Censo populacional de 2000**. Brasília: Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia, 2001.
- CÉSAR, P. A. B. **As representações do espaço arquitetônico**: uma proposta metodológica aplicada ao centro histórico da cidade de São Paulo. Doutorado, FFLCH-DG-USP, São Paulo: 2007.
- CABANAS, A; RICCI, F. Turismo em necrópole: novos caminhos culturais a serem explorados no Vale do Paraíba paulista. **Revista Visão e Ação**: Eletrônica, v. 10 n 03, p. 378-398, set/dez. 2008.
- CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- CUCHE, D. **A noção de cultural nas ciências sociais**. 2. ed. Bauru: Edusc, 2002.
- DEAN, W. **A ferro e fogo**: a história e a devastação da mata atlântica brasileira. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- FEYERABEND, P. **Contra o método**: esboço de uma teoria anárquica da teoria do conhecimento. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1977.
- FIGUEIREDO SANTOS, J. M. **Turismo, mosaico de desejos**: inclusão sociológica pela cultura turística. Lisboa: Colibri, 2002.
- FRÉMONT, A. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Almedina, 1980.
- GETZ, D. Models in tourism planning toward integration of theory and practice. **Tourism Management**, Amsterdam, n. 7, v. 1, p. 21-32, 1982.
- GIL, Antonio Carlos; OLIVA, Antonio Carlos; SILVA, Edson Coutinho da. Turismo e Regionalidade. **Revista Turismo Visão e Ação** – Eletrônica, Itajaí, v. 11, n 01, p. 92-111, jan/abr. 2009.
- HENRIQUES, C. **Turismo, cidade e cultura**: planejamento e gestão sustentável. Lisboa: Síbalo, 2003.
- HERNÁNDEZ DIAZ, E. A. **Proyectos turísticos**: formulación y evaluación. 2. ed., 3ª reimpressão. México: Trillas, 1996.
- INEPAC, Instituto Estadual do Patrimônio Cultural. **Inventário das fazendas do Vale do Paraíba Fluminense**, tomo I: municípios de Paraíba do Sul e Três Rios. 6ed. Rio de Janeiro: Instituto Cultural Cidade Viva; Inepac, 2008a.
- \_\_\_\_\_. **Inventário das fazendas do Vale do Paraíba Fluminense**, tomo II: municípios de Valença

e Rio das Flores. Rio de Janeiro: Instituto Cultural Cidade Viva; 6. ed. Inepac, 2008b.

\_\_\_\_\_. **Inventário das fazendas do Vale do Paraíba Fluminense**, tomo III: municípios de Barra Mansa, Resende, Volta Redonda, Rio Claro, Quatis, Barra do Pirai, Paty do Alferes, Vassouras, Miguel Pereira e Paulo de Frontin. 6. ed. Rio de Janeiro: Instituto Cultural Cidade Viva; Inepac, 2008c.

INSKEEP, E. **Tourism planning: a integrated and sustainable development approach**. New York: Van Nostrand Reinhold, 1991.

LASH, S.; URRY, J. **Economias de signos y espacio: sobre el capitalismo de la posorganización**. Buenos Aires: Amorrortu, 1998.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 1994.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MORALES, J. **Guía práctica para la interpretación del patrimonio**. Sevilla: Junta de Consejería de Cultura, 1998.

MURPHY, P.E. Tourism as a community industry: a ecological model of tourism development. **Tourism Management**, Amsterdam, v. 4, n. 3, p. 180-193, 1983.

ODUM, E. P. **Fundamentals of ecology**. Filadelfia: Sauders, 1971.

PIGRAN, J.J.; WAHAB, S. (eds). **Tourism, development and growth: the challenge of sustainability**. Londres: Routledge, 1997.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 2. ed São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

ROMERIL, M. Tourism and the environment: toward a symbiotic relationship. **International Journal of Environmental Studies**, Londres, v. 25, n. 4, p.215-218, 1985.

ROSS, J. L. S. **Geografia do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

\_\_\_\_\_. **Pensando o espaço do homem**. 5ed. São Paulo: Edusp, 2002.

SÃO PAULO. Conselho de desenvolvimento do patrimônio histórico artístico e arquitetônico do estado de São Paulo (CONDEPHAAT). **Patrimônio cultural paulista: Condephaat, bens tombados, 1968 – 1998**. São Paulo: IOESP, 1998.

TILDEN, F. **Interpreting our heritage**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1967.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

VIÑUESA, M. Á. T. El patrimonio arquitetónico y urbanístico como recurso turístico. In: MARCHANTE, Joaquim Saúl García; Maria Del Carmem Poyato Holgado (Orgs). **La función social del patrimonio histórico: El turismo cultural**. Cuenca: Ed. Universidad de Castilla-La Mancha, 2002.

WWF-Brasil. **Manual de ecoturismo de base comunitária: ferramentas para um planejamento responsável**. Brasília: Apostila, 2003.

ZEVI, B. **Saber ver a arquitetura**. 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

## NOTAS

<sup>1</sup> Este artigo foi apresentado, preliminarmente, no VI Seminário da ANPTUR, realizado nos dias 10 e 11 de setembro de 2009, em São Paulo.